

## **Mariawald: os trapistas alemães que adotaram a liturgia antiga**

*Publicamos a entrevista feita pela associação francesa Paix Liturgique com o Abade trapista de Mariawald, que em 2008 adotou para sua comunidade a liturgia tradicional, segundo o Motu Proprio Summorum Pontificum. Em destaque, as razões que ele apresenta para sua decisão: os frutos do Concílio Vaticano II, ou a ausência deles! Os comentários e destaques são da Paix Liturgique.*

Fonte: [Paix Liturgique](#)

### **«Devolver a juventude à Igreja»: uma conversa com o Dom Abade de Marianwald**

**Na nossa carta 162, de 26 de Janeiro de 2009, comentávamos o regresso à liturgia tradicional na Abadia alemã de Mariawald, ocorrida nos finais de 2008 dando aplicação ao motu proprio Summorum Pontificum.**

**Quatro anos mais tarde, achámos ser uma boa ideia pedir ao Dom Abade desta Abadia, Dom Josef Vollberg, que nos desse um primeiro balanço desta escolha.**

**I – A NOSSA ENTREVISTA COM DOM JOSEF, ABADE DE MARIAWALD**



1) *Senhor Dom Abade, poder-nos-ia fazer uma breve apresentação da sua abadia, da sua história e do lugar que ocupa no cenário católico alemão?*

Dom Josef : O mosteiro de Mariawald encontra-se nos confins do parque nacional de Eifel, a cinquenta quilómetros a sudoeste de Colónia, não muito longe da fronteira com a Bélgica. É um lugar isolado encravado nas colinas e rodeado de pradarias e florestas.

A sua história começa nos finais do século XV no seguimento da crescente veneração que se ia prestando a uma “Pietà” que um habitante das redondezas aí tinha deposto. Em 1486, os cistercienses instalam-se no lugar, e em 1511, inauguram aí uma primeira capela. **O mosteiro desenvolve-se então, até que a tempestade da Revolução Francesa e, no seguimento dela, a “Kulturkampf” de Bismarrk e o terror nazi acabaram por levar à sua destruição parcial e até mesmo à sua supressão. E em todas essas ocasiões, o mosteiro e a ordem a que ele pertence conseguiram encontrar os recursos necessários para se regenerarem.** Mariawald é a única trapa existente na Alemanha. Os trapistas são monges saídos da renovação cisterciense que se desencadeou a finais do século XVII, com a reforma da Abadia de La Trappe levada a cabo pelo abade de Rancé. O nome completo da ordem é “Ordo Cisterciensis Strictoris Observantiae” (OCSO), isto é, Ordem Cisterciense da Estrita Observância.

Mariawald ocupa um lugar especial no mundo católico alemão, sobretudo depois da reforma de 2009. Com a autorização do Santo Padre, o Papa Bento XVI, a abadia celebra a liturgia segundo a forma extraordinária do rito romano, em conformidade com os livros usados pelos cistercienses até ao Concílio. Mariawald está a seguir a vontade do Santo Padre, que já ao tempo em que era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, havia lançado o alerta

contra a autodissolução subjectivista da fé e o esquecimento das nossas raízes espirituais. A obra que Mariawald realiza quer estar votada ao serviço da Igreja e dos cristãos do mundo inteiro.

**Infelizmente, em larga medida a reacção dos católicos não tem correspondido à vontade do Santo Padre.** É com demasiada frequência que vemos a sua reforma ser etiquetada de reaccionária, para ser em seguida recusada.

Ainda assim, a escolha feita por Mariawald obteve a gratidão e a compreensão de muitas pessoas, como o testemunha o número crescente de fiéis que vêm à missa de domingo e os constantes pedidos de alojamento para retiros e temporadas de repouso. Cumpre dizer que temos uma relação de grande respeito, estima e amizade com a comunidade dos fiéis que conserva e venera o ícone milagroso da Pietà de Mariawald – uma relação que infelizmente é ainda uma excepção.



2) Poderia indicar-nos quais as motivações que vos levaram a abraçar, em finais de 2008, o *Motu Proprio Summorum Pontificum* escolhendo para a vossa abadia a forma extraordinária? Dom Josef : **Na nossa comunidade não se notavam frutos visíveis das mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II e os nossos membros tinham diminuído de maneira drástica.** Entre 1965 e 2011, houve muitos monges que abandonaram o mosteiro e apenas duas vocações se confirmaram.

Foi assim que, em face da tendência antropocentrista da nova liturgia, nasceu o desejo de pôr Deus de novo no centro da vida do mosteiro. Tal como uma árvore não vive senão quando é alimentada pela energia que recolhe através das suas raízes, assim também o monge (e não apenas ele!) tem necessidade da sabedoria de um tesouro de séculos para então devolver à Igreja a sua juventude.

Note-se que a liturgia de Mariawald não é idêntica em tudo ao rito romano. Tem especificidades em matéria de calendário, liturgia eucarística e, sobretudo, no que toca ao breviário (a liturgia

das Horas).

3) *Quais foram as alterações na vossa vida religiosa que esta escolha veio a implicar?*

Dom Josef : A reforma tornou a vida espiritual dos monges mais exigente. **A nova – entenda-se “a antiga” – liturgia requer uma aprendizagem adequada:** cantar o gregoriano é uma arte que exige uma formação especial; a atenção ao latim como língua apropriada para o culto requer o empenho da vontade e assiduidade; a recitação do breviário leva mais tempo e o começo do Ofício às 3h da manhã exige uma vontade autêntica de renúncia. Todos estes sacrifícios têm a sua recompensa na descoberta de riquezas até então ignoradas.

O serviço do altar requer também ele uma aprendizagem adequada e os próprios fiéis também se devem formar para esta liturgia versus Deum. A celebração versus Deum, em lugar daquela versus populum, exige da parte deles um tipo diferente de “participatio actuosa” – que a maior parte do tempo é mais consciente. A comunhão na boca leva ela também a uma adoração mais profunda. Diga-se de passagem que o próprio Santo Padre também distribui a comunhão na boca segundo o Novus Ordo, dando assim o exemplo da tão desejada “reforma da reforma”.



4) *Que influência teve sobre a qualidade da vossa vida comunitária?*

Dom Josef : Quarenta anos da nova liturgia tornam qualquer mudança de orientação difícil, sobretudo para os irmãos mais idosos.

No entanto, hoje, as tensões iniciais cessaram e a situação é mais serena. A abertura à tradição ininterrupta da Igreja e a intensificação da vida espiritual, lentamente vão dando os seus frutos, como esperávamos que acontecesse, em particular em matéria de novas vocações. Não há aqui lugar para a impaciência. Para usar uma imagem de um amigo da abadia: reformar Mariawald é como inverter a marcha de um paquete em alta velocidade, leva o seu tempo. **Mariawald precisa de tempo, mas também das orações de todos...**

5) *Que balanço nos pode dar hoje desta escolha? Produziu um efeito sobre as vocações que*

*conseguem chamar?*

Dom Josef : **Se me pede um balanço, o que lhe posso dizer é isto: «Faria tudo outra vez, apesar das muitas e às vezes subtis dificuldades.»** Tem havido e há ainda muitos candidatos a quererem entrar em Mariawald: desde a reforma de 2008, entre 40 e 50. Mas a maior parte acaba por não ficar devido às exigências específicas da regra estrita que aqui se observa. Isso é um reflexo de um fenómeno geral da sociedade do nosso tempo: a incapacidade de assumir um compromisso a longo prazo. Vemo-lo também na rejeição do casamento, na prática cada vez mais generalizada do concubinato e no número crescente de divórcios.

Este medo do compromisso afecta todas as ordens religiosas e não está ligada à natureza da reforma que levámos a cabo.

Em 2008, no mosteiro, éramos 12 monges. Desde então, dois deles morreram. Assim, hoje, somos dez, dos quais um irmão que fez recentemente a sua profissão solene (ele é um que não tem medo de se comprometer!). Temos também um noviço e, este ano, iremos ainda receber duas ou três pessoas que manifestaram um interesse sério em se unirem a nós. Temos ainda três monges que vivem fora do mosteiro.



*6) Acontece-vos acolherem sacerdotes (diocesanos ou de outras comunidades religiosas desejosos de descobrirem e aprenderem a forma extraordinária?*

Dom Josef : Sim, acontece ; recebemos regularmente pedidos da parte de sacerdotes desejosos de aprenderem a usus antiquior. Infelizmente, como os nossos meios são limitados, não podemos assegurar este tipo de formação.

*7) Vê-se bem que, a nível paroquial, a “reforma da reforma” de Bento XVI, um Papa que propõe mais do que impõe (comunhão de joelhos, kyrial em gregoriano, uso do latim para a oração eucarística, centralidade do crucifixo, etc.), é algo que se tem difundido com lentidão: e na comunidade da trapa, tem-se observado um efeito Summorum Pontificum”?*

Dom Josef : Na verdade, **não se vê uma grande resposta positiva ao pedido do**

**Santo Padre de que se integrem os elementos da tradição no Novus Ordo.** Em vez disso, o que se vê, segundo parece, é, a par de uma contestação permanente ao Santo Padre, uma rígida rejeição e um desprezo pelas declarações do Concílio a respeito da liturgia, apesar de elas serem claras. Obediência e humildade parecem ser virtudes perdidas.

Não posso responder pelos trapistas em geral, mas, no seio da nossa comunidade, ainda que nem todos tenham um amor incondicional pela tradição, a aceitação da nossa obra de reforma tem, de facto, aumentado. E os que a amam realmente não conseguem imaginar viver sem ela.

## II – AS REFLEXÕES DA PAIX LITURGIQUE

1) Nascido em 1963, Dom Joseph Vollberg ingressou em Mariawald em 1986. Depois dos estudos de teologia na abadia de Heiligenkreuz (Áustria), foi ordenado sacerdote e eleito abade no mês de Novembro desse mesmo ano.

Reparar nestas datas e neste percurso é suficiente para nos mostrar, e bem, como o Motu Proprio é um dom para a Igreja universal e não uma mera concessão a quantos se costuma chamar de “tradicionalistas”.

**Percorrendo as declarações de Dom Vollberg, ficamos com uma clara ideia de que ele “sabe o que diz”, quando lembra tanto a paciência que é indispensável para reformar uma instituição religiosa, como aquela perseverança sem a qual as vocações monásticas não se podem desenvolver.**

2) Como a maior parte das comunidades religiosas, os trapistas “ordinários” assistem à diminuição contínua dos seus efectivos desde o Concílio (excepto quando a abadia cultiv certos aspectos tradicionais: a trapa de Sept-Fons, na diocese de Moulins, por exemplo) e à inversão inexorável da pirâmide de idades.

**Ao abraçar o Motu Proprio, Dom Josef não exprimiu apenas uma preferência litúrgica ou teológica, mas, mais que isso, o que fez foi um autêntico acto refundador.** Em virtude das tensões que então se haviam manifestado em Mariawald, e em redor de Mariawald, o superior geral dos trapistas interveio no início de 2009 junto do Cardeal Castrillón, que era então o presidente da Comissão Ecclesia Dei, para se inteirar dos termos da reforma que estava a ser levada a cabo.

As coisas não foram fáceis: «Reformar Mariawald é como inverter a marcha de um paquete em alta velocidade, leva o seu tempo.» Hoje, a bonança voltou, a reforma faz o seu caminho e á se manifestam as primeiras autênticas vocações. Não podemos deixar de unir as nossas orações às dos monges para que elas se concretizem.

3) Quando Dom Josef fala de «contestação permanente ao Santo Padre», como é evidente, está antes de mais a referir-se à situação alemã, marcada de modo particular pelo movimento “Nós somos Igreja”, que, embora nascido na Áustria, muito cedo se encaminhou para a Alemanha. Movimento contestário implantado em todas as dioceses de além-Reno, “Nós somos Igreja” promove quase tudo o que é contrário à doutrina católica, desde a ordenação das mulheres à paridade entre homossexualidade e “heterossexualidade” (como agora se diz...).

Mas, digamo-lo, fora o que acontece nestes ambientes já em via de extinção, a «contestação permanente ao Santo Padre» vai tendo cada vez menos adesão entre os católicos, tanto franceses como portugueses. Já pelo contrário, a constatação de Dom Josef do «desprezo

pelas declarações do Concílio a respeito da liturgia, apesar de elas serem claras» — isto é, os aspectos tradicionais da constituição Sacrosanctum Concilium —, isso continua a verificar-se tanto além como aquém-Reno, infelizmente... Por aqui se vê como a nomeação de bispos “Summorum Pontificum”, ao mesmo tempo preocupados em voltar a propor a forma extraordinária à Igreja universal e em inserir a forma ordinária numa hermenêutica de continuidade, é o antídoto indispensável contra esta instrumentalização da liturgia.

**4) Por fim, cremos que cabe sublinhar a ausência de subterfúgios no elenco que Dom Josef faz dos motivos da sua mudança:**

- a) Nosso Senhor convida-nos a julgar a árvore pelos seus frutos (Mateus 7, 17-20) e Dom Josef interroga-se sobre os frutos do Concílio: «Na nossa comunidade não se notavam frutos visíveis das mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II e os nossos membros tinham diminuído de maneira drástica. Entre 1965 e 2011, houve muitos monges que abandonaram o mosteiro e apenas duas vocações se confirmaram»;
- b) e Dom Josef interroga-se acerca da maneira como foi plantada a árvore: «Foi assim que, em face da tendência antropocentrista da nova liturgia, nasceu o desejo de pôr Deus de novo no centro da vida do mosteiro. Tal como uma árvore não vive senão quando é alimentada pela energia que recolhe através das suas raízes, assim também o monge (e não apenas ele!) tem necessidade da sabedoria de um tesouro de séculos para então devolver à Igreja a sua juventude.»

Não conseguiríamos dizê-lo melhor em tão poucas palavras.

*Para saber mais, deixamos aqui o endereço do site da abadia de Mariawald*  
: [kloster-mariawald.de/](http://kloster-mariawald.de/)